

REFLEXÕES ÀS MINHAS ALUNAS, UM MANUAL DE CONDUTA

Maria Arisnete Câmara de Moraes/UFRN

Eixo Temático 04- Gênero e etnia na história da educação brasileira

O arrebatamento e o trato rude ou mesmo pouco delicado é um dos maiores defeitos que pode ter uma senhora; seu coração deverá sempre refletir a prudência e delicadeza que são características do sexo a que pertencemos.

(Isabel Gondim, 1910, p. 33)

Este texto surge da necessidade histórica de configurar a participação de Isabel Urbana de Albuquerque Gondim (1839-1933), na construção da sociedade letrada norte-rio-grandense. Para os menos avisados, Isabel Gondim é apenas o nome de uma Escola Estadual situada no Largo Acrísio Freire, no bairro das Rocas, em Natal; para outros, é aquela que nutria séria rivalidade com Nísia Floresta, ambas ilustres e conterrâneas, nascidas na Vila Imperial de Papari, atual município de Nísia Floresta, no Rio Grande do Norte. No entanto, Isabel Gondim é uma intelectual múltipla, com produção em diversas áreas do conhecimento como a História, a Literatura, a Dramaturgia e a Educação.

Deixou o legado de uma vasta obra a exemplo de: **Reflexões às minhas alunas** (1874-1879-1910), **A Lira singela** (1933), **O Brasil: poema histórico do país** (1913), **O sacrifício do amor** (1909), **Sedição de 1817 na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte** (1908), **Elementos de educação escolar** (1885).

Para este trabalho, o objetivo é apenas a análise da obra **Reflexões às minhas Alunas**, dada a sua importância para a historiografia da educação no Brasil, durante as últimas décadas do século XIX e início do século XX. Principalmente no que trata acerca das relações de gênero e o papel que cabe à mulher representar nesse contexto.

Notando a falta de um livro escrito na Língua Portuguesa, destinado à primeira educação da mulher, ela resolve escrever este livro, destinado à educação nas escolas primárias do sexo feminino, oferecido pela autora ao governo dos Estados Unidos do Brasil.

A escritora orienta as jovens sobre noções básicas do convívio em sociedade e mostra, entre outros, os deveres para com Deus, deveres para consigo mesma, deveres para

com seus semelhantes, seus pais e pessoas da família; enaltece a virtude, que consiste em fazer o bem sem esperança de recompensa; a civilidade, que significa atenção obsequiosa, o que é sinal característico de boa educação e predispõe a todos os que observam essa delicadeza e urbanidade em favor de quem a pratica.

No seu ponto de vista, a educação “é a formação do homem. Seu fim é torná-lo membro útil e feliz da sociedade. Seu objeto, formar o corpo, o coração e o espírito do educando” (GONDIM, 1885, p.07). Com essa convicção, dedica-se inteiramente à tarefa de educar gerações. Ao assumir o cargo de professora primária em Natal, ela declara que circunstâncias especiais levaram-na a afrontar as árduas e graves ocupações do magistério público, abstraindo-se de tudo que não fosse concernente à sua profissão.

Um exemplo dessa dedicação ao magistério é o seu livro *Reflexões às minhas alunas*, que ela escreveu em plena atividade docente. Tinha quase trinta e cinco anos de idade, quando do surgimento da primeira edição, em 1874. Entretanto, torna-se difícil registrar quando a professora deixa o cenário pedagógico e entram em cena a escritora e a historiadora.

Nele, a escritora oferece às moças alguns conselhos de como se portar na sociedade, através de atitudes e comportamentos dignos de uma jovem bem educada. Para Isabel Gondim, a civilidade revela-se nas palavras, nas ações e nos movimentos.

Este livro é um manual de conduta, repleto de orientações ao sexo feminino, abordando temas como: a menina escolar, a moça em sua puberdade, a moça em sua juventude ou nubildade, a mulher casada e a mulher mãe. Para todas essas fases da vida da mulher, a escritora faz reflexões especiais.

Para a menina escolar, ela lembra que a sociedade comumente tributa às virtudes um culto de respeito e de veneração, considerando-os rigoroso dever.

A candura e a inocência são os principais atributos dessa quadra de encantos. O conhecimento e o amor a Deus realçam os atrativos dessa pouca idade. Ela pede às suas alunas, “minhas pequenas amigas” que escute as suas reflexões, pois só quer instruí-las, encaminhá-las à virtude “cujo apreço é inestimável” (GONDIM, 1910, p. 12).

“Sede virtuosas, minhas filhas, e tereis o justo apreço do vosso procedimento, o qual será devidamente considerado das pessoas criteriosas que o possam divisar” (GONDIM, 1910, p. 21). Abster-se de quaisquer distrações durante os trabalhos escolares e não descurar nenhum momento do que concerne à educação. Aproveitar esse precioso tempo é fundamental nessa etapa da vida.

O asseio, a preocupação com a aparência também são lembrados por Isabel Gondim. Não se apresentar na escola com vestidos em desalinho e nodoados de tinta ou de qualquer outra coisa que os enxovalhe. Unhas aparadas e limpas, ter o cuidado em tudo que constitui a higiene, que não consiste na riqueza e elegância dos vestidos, perfumes e jóias, mas “na limpeza e regular disposição do que pertencer-vos” (GONDIM, 1910, p.22).

Para a moça em sua puberdade, ela tem um conselho específico dirigido àquela que no entender dos pais, havendo completado a educação escolar se recolhem ao lar doméstico:

“Buscai, minhas filhas, cultivar as belas artes, especialmente a música que exerce tão poderosa influência sobre a nossa alma e se opõe à rudeza do trato, assim como aos maus instintos” (GONDIM 1910, p. 24).

Isabel Gondim considera que essa arte divina adoça os costumes, excita em nosso coração a afabilidade, a ternura e a piedade. Desenvolvem o bom gosto e traz ao espírito a mais agradável e inocente distração.

Além da música, a moça em sua puberdade deve cultivar as línguas estrangeiras, como a italiana, a inglesa, a alemã e, especialmente, a francesa, em que estão escritas excelentes obras da literatura, ciência e educação. A leitura de bons livros está entre as suas reflexões. A moça deve se acerrar de cuidados para não ler obras consideradas perniciosas.

Os romances realistas são “incendiários do coração da mocidade, cujas paixões dissimuladamente exaltam por meio das fantásticas criações de personagens desmoralizados postos em evidência, sob as mais belas e atraentes formas” (GONDIM, 1910, p. 25).

Antes de empreender a leitura de obras desse gênero, a moça deve ouvir a opinião das pessoas sensatas. Talvez a opinião dela própria, a escritora Isabel Gondim.

Ela lembra que a mulher tem necessidade de habituar-se à vida sedentária, uma vez que se destina a passar o maior tempo em casa, “onde é impróprio da boa educação estar ela sempre de pé, à janela, ou andando de um para o outro lado” (GONDIM, 1910 p. 27).

Em casa, a jovem não deve escolher um lugar nem pouco recatado nem assento brando como a rede. A rede influi consideravelmente nos órgãos que constituem nosso corpo, trazendo fraqueza ou inação quando dela nos servimos com freqüência (p. 27). As pessoas que adotam esse modo de viver na prática cotidiana perdem a energia e podem

tornar-se apáticas. Se esse mau hábito juntar-se ao de embalar com freqüência, muitas vezes o corpo se entorpece.

Isabel Gondim ressalta que não é necessário empregar demasiado tempo em vestir-se, mas o asseio e a higiene do corpo, da roupa e do aposento devem merecer atenção.

O comportamento nos bailes deve ser impecável. Tratar com polidez e urbanidade a todos que fizerem parte do mesmo ambiente é a regra. Jamais descuidar da civilidade em ambiente público. Nas companhias de tantas pessoas, “poderá haver algumas cuja educação seja imperfeita. Estas costumam observar dos circunstantes qualquer ação menos ponderada e depois comentá-la” (GONDIM, 1910, p. 33).

Outro aspecto que a escritora ressalta é o das visitas pessoais, de que muito convém não abusar. Adverte que:

“É impróprio de uma senhora sensata fazer visitas a cavalheiros, seja qual for o seu estado, salvo quando existirem estreitas relações de parentesco ou quando uma extrema gratidão a induza a dispensar-lhes essas atenções, sem comprometer o próprio conceito” (GONDIM, 1910, p.36).

Enfim, o recolhimento doméstico e o emprego nas ocupações que se lhes oferecem a cada momento em casa, deve, quase sempre, merecer preferência à moça honesta e discreta. Quando recolher-se ao aposento destinado ao dormitório deve mudar de roupa com recato. Ter todo o cuidado na disposição do cobertor, de modo a ficar decentemente composta.

Para a moça em sua juventude ou nubilidadade, sugere que ela não procure nas modas afetadas e muitas vezes ofensivas à moral e à saúde um falso atavio à fisionomia. Que a jovem consulte seu coração. Não se deixe levar pelos elogios. Se estes forem proferidos por lábios femininos, “sabei, minhas filhas, dissimular o natural contentamento com um modesto sorriso que indique não terdes ficado ensoberbecidas por essa lisonjeira apreciação” (GONDIM, 1910, p. 37).

Isabel Gondim afirma que agindo deste modo suas alunas conseguem desviar a inveja daquelas que menos favorecidas pela natureza julgarem ser em desabono aos seus “o elevado conceito de vossos predicados” (p. 37).

Se se sentir com disposição para exercer “a delicada e afanosa missão de esposa e de mãe, aceitai a proposta daquele que, na opinião de vossa família, vos há de conduzir à felicidade” (p. 39-40). Isto porque a escolha do consorte pode e deve ser confiada a alguém

que, “transpondo a acanhada esfera social de uma pudica donzela tenha adquirido o conhecimento preciso para antever a conveniência da união. A escolha da consorte, porém, compete somente ao homem que, a par da sociedade tenha infiltrado no peito sentimentos de respeitosa simpatia, pelos quais fosse induzido a fazer essa escolha” (GONDIM, 1910, p. 40).

Os laços matrimoniais são indissolúveis. Portanto, para contraí-los se torna precisa a maior prudência e circunspeção, que dirijam à uma escolha acertada. Cautela, pois, para:

1- na idade senil, o homem não poderá fazer a completa felicidade da família de que venha constituir-se chefe; por mais vantajosa que pareça a sua união a mulher núbil deverá rejeitá-la;

2- o homem dissoluto, impudente, arrebatado e de maus costumes é detestado por toda a sociedade moralizada que o evita. Como não será a família, a quem terá de dirigir?

Para a mulher casada, ela lembra que os seus destinos não lhe pertencem, desde que assumira esse estado. Perante à sociedade, novas obrigações têm a cumprir. Obrigações sagradas “para cujo fiel desempenho todas as vossas forças devem convergir” (GONDIM, 1910, p. 46). Ela deverá, portanto, dedicar-se inteiramente àquele que tem superioridade sobre seus destinos, que os partilha, e a quem lhe cumpre ajudar, consolar e acompanhar em qualquer ocasião que necessite. O respeito e o amor mais dedicado ao vosso consorte, a escrupulosa compostura em sua presença, o maior desvelo por tudo o que possa interessar-lhe particularmente devem atrair vosso coração e assíduos cuidados.

Entretanto, “se tiverdes a desventura de encontrar um péssimo marido, que olvide os deveres de fidelidade, amor e respeito contraídos convosco, não deis a conhecer o natural ressentimento e redobrai de atenções para com esse imponderado consorte” (GONDIM, 1910, p. 50).

O conselho de Isabel Gondim é a resignação, suportar o procedimento do marido e não buscar a represália, que é imprópria das almas generosas. Dissimule suas faltas, finja mesmo que não as compreende. Quem sabe talvez consiga transformá-lo no chefe perfeito da casa e da família. É o pensamento da escritora:

Assim, minhas filhas, foi estabelecida a sociedade domestica que encerra tantos e tão amenos atrativos, e na qual a mulher sensata poderá prestar relevantes serviços ao gênero humano (GONDIM, 1910, p. 54).

Finalmente, para a mulher mãe, Isabel Gondim aconselha que a melhor parte dos cuidados deva ser para a exemplar criação e desenvolvimento dos penhores do amor conjugal. O tenro filho não deverá ser esquecido um instante sequer pela mãe que saiba compreender sua sagrada missão. Ela aconselha às mães a leitura de obras sobre educação, que muito pode auxiliar na tarefa de educar os pequeninos seres sob a sua responsabilidade. Livros de autores como Almeida Garrett, Jean Jacques Rousseau apresentam considerações dignas de séria atenção, principalmente para a mulher mãe, primeira educadora dos seus filhos.

“A educação é o que constitui a formação moral do homem; aperfeiçoa as faculdades, impele as suas ações para o bem e molda-lhe o procedimento durante a vida, formando-lhe o caráter” (GONDIM, 1910, p. 54).

Com este entendimento, Isabel Gondim mostra o papel que a mulher mãe desempenha na sociedade, responsável que é pela primeira fase da formação do caráter de seus filho e a sua carreira na sociedade “em cujo meio serão tanto mais considerados, quanto melhor lhes tenha sido a educação” (p. 66).

O cuidado que Isabel Gondim dispensa à educação impulsiona-a para a publicação de livros referentes a esse mister. **O preceptor** (1923) é um outro exemplo disso, mas que não cabe na presente análise. É um pequeno poema, um tributo de apreço à educação escolar. Ela externa sua opinião acerca do mérito do preceptor, “que sabe compenetrar-se da importância de sua prestimosa e elevada missão social” (p. 05).

Pela análise do livro **Reflexões às minhas alunas**, depreendo o quão foi importante para Isabel Gondim o debruçar-se sobre as questões educacionais. Dir-se-ia que suas alunas são o seu próprio laboratório de análise e conclusão do que se deve ou não fazer em se tratando de educação, moral e civilidade, ingredientes básicos no convívio social.

Esse livro teve bastante aceitação de público, considerando o número das edições como parâmetro de julgamento. Em menos de dez anos editou-se esse livro duas vezes. A primeira edição, publicada no Rio de Janeiro, em 1874 e a segunda, com uma tiragem de cinco mil exemplares, editada, também, no Rio de Janeiro, pela Tipografia Popular, em 1879. A terceira edição foi revista e aumentada consideravelmente, sendo impressa em Natal, pela Tipografia A. Leite, em 1910. Seu conteúdo de cunho pedagógico, aplicado a determinados usos específicos, proporciona uma linha segura e permanente de vendas, justificando, talvez, a sua popularidade.

Ela mesma, a autora, agradece aos “Ilustrados Conselhos de Instrução Pública das ex-províncias do Ceará, do Piauí e da Bahia, assim como do Estado de Pernambuco, que se dignaram aprovar este nosso livro para leitura nas escolas a que se destinou” (GONDIM, 1910, p. 05).

Embora disponha apenas da segunda e terceira edições, observo, através dos prefácios que a própria Isabel Gondim escreveu, o empenho da escritora com a integridade da obra e as formas de apropriação do seu conteúdo pelas jovens, seu público preferido. Havia a preocupação em corrigir as imperfeições observadas nos textos, pensando, naquelas leitoras para quem se destinavam esses escritos.

Neste aspecto reside a modernidade de seu pensar e agir. A preocupação com a instabilidade da obra ao atravessar gerações, em diferentes comunidades de leitores e leitoras. Interrogar-se sobre a história da transmissão dos textos não é simplesmente uma questão bibliográfica, mas, também, as significações históricas, estéticas e culturais, a partir mesmo da sua materialidade.

Assim, Isabel Gondim configura a historicidade dos seus textos, a publicação, as edições e o momento histórico da educação no Brasil, durante o período ora pesquisado, principalmente no Rio Grande do Norte. A repressão do corpo, a repressão dos devaneios. São lições que ela tenta passar às suas alunas, sendo ela mesma uma mulher aprisionada no seu próprio corpo e todas são vítimas de uma sociedade que as estigmatiza.

Referências

- GONDIM, Isabel. **Reflexões às minhas alunas**. 3. ed. Natal: Tipografia de A. Leite, 1910.
- _____. **A Lira Singela**. Rio de Janeiro: Imperial Duco, 1933.
- _____. **O preceptor**. Recife: Imprensa Industrial, 1923.
- _____. **O Brasil**: poema histórico do país. 2. ed. Rio de Janeiro: Papelaria Americana, 1913.
- _____. **O sacrifício do amor**. Drama em cinco atos. Rio de Janeiro: tipografia e Litografia Comercial, 1909.
- _____. **Sedição de 1817 na Capitania ora Estado do Rio Grande do Norte**. Natal: Tipografia da gazeta do Comércio, 1908.
- _____. **Elementos de educação escolar**: para uso nas escolas primárias de um e outro sexo. Manuscrito, 1885.
- MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. **Isabel Gondim, uma nobre figura de mulher**. Natal: Terceirize, 2003. Série Educação e Educadores do Rio Grande do Norte. V.1. Coleção Mossoroense.
- _____. A escritora Isabel Gondim e a história da educação. In: AMARILHA, Marly (Org.). **Educação e leitura, trajetórias de sentido**. João Pessoa: UFPB, 2003, p. 245-261.